

LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E O PAPEL DO PROFESSOR

“Só sou livre porque sou responsável por minha ação”. Essa é uma sentença que baliza toda a ética, poderíamos dizer categoricamente que não há liberdade sem responsabilidade. Por isso, para sermos livres devemos ser responsáveis, mas o que seria ser responsável? Aristóteles dizia que nós, seres humanos, possuímos algo que ele chamava de potência dos contrários: "Tudo o que fazemos poderíamos não ter feito", ou seja, nada é determinado e, portanto, temos a liberdade na ação. No momento que ajo estou interferindo em algo no mundo, e essa interferência - alteração do estado de coisas - é de minha responsabilidade.

É evidente que há um momento da vida em que nem todos podem ser responsáveis por sua ação, por exemplo, uma criança de 3 ou 4 anos não pode ser acusada de roubo por pegar algo que não lhe pertence, pois a criança ainda não tem a noção que a sua ação prejudica alguém; se ela tivesse a noção disso, saberia que ela mesmo seria prejudicada nessa ação, pois isso é proibido na convivência em sociedade. Portanto, esperar que uma criança delibere antes de sua ação, ou seja, pense nos prós e nos contras, é descaracterizar a natureza da criança. Se uma criança não pode ser responsabilizada por sua ação, então há alguém que deve arcar com essa responsabilidade, e esse alguém são os pais.

A educação dos pais em relação aos filhos é dada na convivência e na imposição de regras e limites. Há um imperativo ético do senso-comum que diz: "A minha liberdade acaba onde começa a do outro", portanto, esse é o limite: o outro. Sendo o outro o limite, a regra é não prejudicá-lo e, assim, introduzimos outro imperativo ético do senso-comum, que é: "Faça para o outro aquilo que você gostaria que o outro fizesse para ti".

No entanto, eu preciso fazer algumas considerações, pois essa discussão é longa, devido às diversas divergências entre pensadores que propõem diversas éticas, umas discordando das outras em suas prescrições. Eu tomo esses imperativos do senso-comum como os mais sensatos na vida em sociedade, por não desprezarem a racionalidade, pois não prescrevem, mas fazem pensar antes de agir, o que exige do ator a consciência de si e a do outro, processo necessário para se passar da heteronomia à autonomia, além do mais, não apelam para uma razão além da vida.

Feitas essas considerações, volto a dizer que os pais tem como dever, introduzir os seus filhos na vida em sociedade, dando-os a responsabilidade aos poucos, como diz Paulo Freire: *"É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em*

experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade" (FREIRE, 2004, p.108). Respeitar a liberdade é conhecer limitações, e os pais devem fazer com que os seus filhos tenham essa consciência: do que é proibido e o que é permitido.

Mas para que a educação não seja dogmática, aquela que faz com que os filhos sempre tomem para si regras das quais não refletiram e não tomaram para si como certas, é preciso incentivar a reflexão dos limites e os benefícios de uma ação, afinal de contas, um pai deve necessariamente ter para si que sabe o que é melhor para o seu filho, e isso nada mais é do que uma prova do seu sentimento de pertencimento para com os filhos, como afirma Montaigne em seus célebres Ensaaios: *"Nunca vi pai, por mais corcunda ou tihoso que fosse o filho, deixar de dá-lo por seu. Não entretanto, por estar cego pela afeição e não se aperceber do defeito, mas tão somente porque é seu"* (p.75), e é devido a isso, que se faz necessária uma *educação elucidativa*, aquela que incentiva a autonomia do filho, uma prova de amor à individualidade dele, como diz De La Taille: *"Os limites são claramente colocados, fato que, como já vimos, é essencial à entrada da criança no mundo da moral. Mas, em vez de serem apenas legitimados em função do prestígio e da força de quem os coloca, eles são explicados, sua razão de ser é explicitada"*. (1999 p.99). Por isso, a posição dos pais está na linha tênue que separa liberdade da autoridade. Essa autoridade dos pais é legítima em relação aos filhos quando está fundada no respeito: *"ela (a criança) ama os pais, admira-os, teme-os, e esses três sentimentos juntos fazem surgir um outro sentimento essencialmente moral, que é o respeito"* (1999 p.92), ou seja, nesse sentido, o filho respeita o pai, pois o pai é tudo aquilo que o filho quer ser, e para que isso aconteça, o filho deve seguir os preceitos de vida do pai, sejam as suas regras ou os seus exemplos.

No entanto, muitos autores são unânimes em dizer que a sociedade contemporânea vive em uma crise de valores, e que os próprios adultos não têm mais tanta certeza do que é certo para os seus filhos, como afirma De La Taille (1999 p. 64). Se os pais não tem certeza do que é certo para os seus filhos, como limitar então?

Realmente, há de se concordar em certo ponto com o diagnóstico de De La Taille, mas também há que se perguntar: Que valores estão em crise? E que valores estão em voga? O impulso ao universalismo, natural de uma razão iluminista está em crise, aquele que busca o que é certo à luz da razão, mas sem considerar que o conhecimento é poder, como afirmam também diversos filósofos, tais como: Nietzsche, Adorno e Foucault, ou seja, essa razão

sempre justificou uma imposição de valores que representavam uma ética bem particular, de quem está a dizer, que representa ou está no poder. Portanto, os valores eurocêntricos que fundam a filosofia moderna estão em crise, junto com eles os valores religiosos, fundados na Igreja também. Mas se esses valores estão em crise, por outro lado, há um acirramento do individualismo, onde o imperativo ético é: "Faço tudo que quero não importa pra quem e nem como"; além do mais, a juventude cada vez mais estendida, faz com que haja na nossa sociedade uma falta de adultos, o jovem ou a criança perde as referências, pois os seus pais falam de igual para igual para com eles, uma certa simetria na relação, que pode ser caracterizada por ausência de autoridade.

Em meio a essas crises, de um mundo antigo que colapsa com um mundo novo, podemos tentar pensar o papel do professor na escola contemporânea. Qual o limite do seu papel? Como ensinar sem ser dogmático? Como saber o momento de repreender ou elogiar? Como educar com Liberdade e Autoridade, como afirma Paulo Freire?

Primeiramente, o professor nunca vai desempenhar o papel do pai, e nem deve! O professor talvez seja a "extensão" da família de um aluno, mas jamais terá aquele amor incondicional que os pais têm por um filho - ou deveriam ter -, aquele sentimento de pertencimento como disse Montaigne, sentimento esse que pode também atrapalhar, pois é natural que em um primeiro sentimento de angústia do filho em relação a algo, os pais, por pena, tenderem a "passar a mão na cabeça dos filhos".

O professor é livre para fazer o que quiser, sendo livre para isso, pode ser autoritário também. E qual é a responsabilidade do professor? Na minha opinião, mesmo isso parecendo piegas e trivial, é tornar o indivíduo um cidadão do mundo, educar para a vida, mas vida em um sentido mais amplo e não apenas para o mercado de trabalho, como tem sido a ênfase maior da educação contemporânea. O professor tem responsabilidade, juntamente com os pais e sociedade, pelo fracasso de um aluno, entenda-se por fracasso um aluno que não é autônomo diante do mundo, que não consegue no mínimo emitir uma crítica e não seja capaz de questionar regras e valores da sociedade em que se vive; não é um fracasso que se contrapõe a sucesso, pois entendemos por sucesso reconhecimento e dinheiro. Instigar para que o aluno reconheça a importância da tradição para a sua vida, mas também reconheça que o que é, e sempre foi aceito, pode não ser o certo. O professor deveria ser capaz de saber que o seu papel na vida de um aluno é passageiro, e instigando a autonomia do mesmo, vai se auto-refutando aos poucos, e finalizando, deveria ter em mente as célebres palavras de

Nietzsche pela boca de Zarathustra: *"Retribui-se mal um mestre, quando se permanece sempre e somente discípulo. E por que não querei arrancar as folhas da minha coroa?"*(NIETZSCHE, p.92).

Marcos Vinicius da Silva Goulart
Psicologia da Educação B - 2006/2
alguemmeprocure@gmail.com

REFERÊNCIAS:

DE LA TAILLE, Y. 1999. Limites: Três dimensões educacionais. São Paulo. Editora Ática, 2ª ed.

FREIRE, Paulo. 2004. Pedagogia da Autonomia. Editora Paz e Terra.

MONTAIGNE, Michel de. 1980. Os Pensadores: Montaigne I. São Paulo. Editora Abril Cultural.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra. São Paulo. Círculo do Livro S.A.